

Terapêutica com estatinas - resposta

Ao Director da Revista Portuguesa de Clínica Geral

Faz todo o sentido o conteúdo da carta/sugestão do Exmo Sr Dr. Luiz Miguel Santiago, que desde já agradeço sinceramente. A saudável amizade que nos une será, provavelmente, responsável pelos imerecidos comentários elogiosos que traçou, e que não deixamos de retribuir em igual extensão, dados os muitos ensinamentos que com o Dr. Luiz Santiago temos vindo a colher.

Tal como na missiva se afirma, o artigo não visou a abordagem das terapêuticas anti-hipercolesterolémicas no contexto da avaliação global do risco no doente individualmente considerado. Outrossim, pretendeu tão somente traçar, em síntese, os aspectos tidos por mais relevantes da farmacologia das «estatinas», enquanto instrumentos de intervenção terapêutica sobre um factor de risco modificável da doença cardíaca coronária.

Com curialidade coloca o Dr. Luiz Santiago outra questão: quando, como, durante quanto tempo e com que perfil global de risco – e, eventualmente, com que fármacos e em que doses – se deve iniciar e manter a terapêutica, tendo em vista a prevenção (primária e secundária) da doença, no doente individualmente considerado. Em última análise propõe a apresentação e discussão crítica das (diferentes) normas de orientação terapêutica actualmente propostas e subscritas por diversas sociedades científicas, profissionais e organismos oficiais (quer sob a forma de normas de orientação, quer sob a forma de conferências de consenso).

A sugestão parece-nos inteiramente oportuna, pelo que, dadas as relações de trabalho que temos vindo a manter, fica a proposta/compromisso de, em conjunto, levarmos a cabo a tarefa.

Creia-me grato pelo acolhimento franco que a Revista Portuguesa de Clínica Geral para connosco tem tido, felicitando-o, na oportunidade, pela linha editorial encetada.

Aceite as mais cordiais saudações.

Francisco Batel Marques